

“Como cunhar as próprias moedas?”

A pergunta que dá nome à exposição de trabalhos recentes de Ana Cople, reverbera e se expande. Sua indagação sobre a imagem, seus valores oraculares, simbólicos e numéricos, atravessa os códigos e processos gráficos explorados nas obras expostas. No contexto da gráfica contemporânea em que Ana atua, cada uma de suas imagens provoca questionamentos ao mobilizar figuras e fantasmas de mercadorias, crânios, caravelas, candelabros, plantas e personagens históricos, entre outros signos diversos, oriundos de moedas e emblemas, antigas cartas oraculares, relatos de viagem e pinturas alegóricas de *Vanitas*. A esse repertório visual se associam as ideias do múltiplo, da circulação de cópias e da própria matriz, que ampliam seu campo de interrogação poética e política. Vale ressaltar, no entanto, que apenas seu gesto é capaz de nos colocar em contato com o mais íntimo das imagens. “O satisfatório processo de sulcar”¹ é o que garante a conversão do repertório de imagens apropriadas em matéria para a multiplicação do seu ataque.

A curiosa coincidência entre a fortuna de uma carta mágica, o trabalho da gravura e a fabricação da moeda ilumina, para a artista, o caminho de uma investigação sobre o valor do trabalho. Entre as várias referências que alimentam sua imaginação, uma carta oracular se destaca: o oito de ouros, do baralho de tarô, cuja imagem representa o processo de gravação. No jogo de adivinhação, a ilustração do oito de ouros retrata o trabalho de gravar de um artesão sulcando o disco de uma moeda com um cinzel. No entanto, mesmo após serem interpretadas, as ilustrações oraculares permanecem

1 Palavras da artista.

irredutíveis a um único sentido, metamorfoseando-se continuamente, ou encobrendo o que sempre esteve presente. Enquanto a interpretação da carta sugere estabilidade e sucesso alcançado por meio do trabalho árduo e habilidoso, o enigma que envolve seu arcano evoca instabilidades e riscos. Para o leigo, adivinhar é uma operação complexa e atraente, sugerindo a reversibilidade do visível e imediatamente identificável, com o que adquire sentido invisível. Por sua vez, a reversibilidade também marca o enigma do trabalho da gravura.

Outro aspecto incontornável das cartas oraculares, assim como das antigas ilustrações de relatos de viagem da era dos descobrimentos, é a presença de erros. Não é incomum encontrar discrepâncias, como figuras de anjos sem olhos ou personagens com membros decepados, entre outras aberrações. Sintomaticamente, os signos que não são o que parecem despertam nosso olhar para o valor de seus vestígios. Assim, mesmo que insólitas, essas informações flutuantes nos tocam, como a adivinhação do futuro, revelando emblemas de valor e as discrepâncias das figuras de nossa história social e econômica.

Informações flutuantes inundam a obra "Ciclo Colonial 1: O Pau-Brasil". O efeito imprevisível do painel de lambes, realizado pela artista em 2024, oscila entre a cacofonia ruidosa de suas serpenteadas e multiplicadas linhas e figuras de matrizes coringas que resumem de forma genérica contornos aplicáveis a diversas situações e cenas. Distinguindo-se do trabalho de reprodução de uma imagem visível, o excesso de informação reverbera um efeito de captura e ocupação do visível. Ao reciclarem figuras históricas genéricas, os lambes

de Ana evocam clichês parasitários que habitam nosso imaginário social. Ao sabor de seus contornos nossos olhos deslizam entre o ontem, o hoje e o amanhã. Seguindo suas linhas detectamos uma quase personagem imperial, resumida em curvas barrocas de sugestivas bochechas caídas, na silhueta de uma figura sem rosto, emoldurada por ondinhas circulares que disfarçam sua falta de ligação com o corpo. Com ironia e crueza as impressões de Ana estampam sua energia eletrizante aos processos históricos e sociais que retratam.

À luz do diálogo dessas obras com o passado, a crueza das ilustrações anônimas e imemoriais que irriga seu imaginário parece ser menos acidental e mais intencional e perfurante. Por sua vez, os cortes abruptos do satisfatório processo de sulcar, presentes nos lambes de Ana, confirmam a presença do desejo de ver e imaginar a dobra do tempo no espaço entre o que não vemos, o que deixamos de ver e o que ainda veremos. No justo tempo do agora, em que nosso olhar se confunde, para a artista, algo resiste de natureza indecifrável.

Janeiro de 2025.

Inês de Araujo